

Artista plástico, fotógrafo e professor, Eduardo Vieira da Cunha fala sobre as buscas e desejos que guiam a vida e a criação



reportagem cultural

Entre cores e sombras

Márcio Pinheiro, especial para o JC

Os aviões estão lá. Tranquilos e soberanos sobrevoando a tudo. São coloridos, mas nascem da escuridão, das sombras, das ausências. “A vontade de criar nos leva a penetrar no nosso inconsciente e a olhar nas profundezas. Creio que a inspiração vem daí. Quando alguma coisa foi perdida, quando algo falta, buscamos o conhecimento. É dele que vem a luz para iluminar o caminho”, explica Eduardo Vieira da Cunha, artista plástico, fotógrafo, professor e autor das imagens que ilustram as páginas

desta reportagem.

Eduardo é o filho mais novo de Liberato Salzano Vieira da Cunha, líder político da região de Cachoeira do Sul e que morreu aos 37 anos num trágico acidente aéreo próximo a Bagé. Liberato estava acompanhado da mulher, mãe de Eduardo, que ficou órfão com apenas um ano de idade. “Foi um acontecimento marcante. Por muito tempo, preferi não falar sobre isso. Talvez por defesa, talvez por não querer me sentir diferente dos outros colegas de escola”, conta. “Durante meu doutorado, aprendi a trazer para a reflexão no próprio texto

da tese, esse dado autobiográfico. Pois vi que esses elementos que constituíram nossa história pessoal são muito importantes, e acabam refletidos na obra. Todo o trabalho é, no final, uma autobiografia e um acerto de contas consigo mesmo”, completa.

Mas a arte tem seus desígnios próprios. Vem da lógica e também da incerteza. Mais: não vem apenas do artista, de quem a produz, mas também de quem vê, de quem se interessa, gosta e se identifica. Vem da empatia criada pela obra. “Creio que a inspiração vem de uma necessidade de comunicação, é provocada pela in-

certeza seguida pela resposta vinda da relação com a recepção da obra, ou seja, com o outro, com o observador”, compara Eduardo. “A incerteza na arte é isso: a gente cria, faz algo, mas nunca sabe qual a reação provocará. É uma interrogação. O que me inspira, me move, é esse retorno imponderável, essa resposta do público, que é sempre uma incógnita. Quando acertamos, somos movidos a ir adiante”.

E adiante - aqui e nas próximas páginas - Eduardo, 65 anos, vai falar sobre sua arte e suas inspirações. De como seus trabalhos surgem ainda da fotografia

e até da música e da literatura. E de tudo aquilo que um artista busca: “O que nos move é a possibilidade de comunicação, que vem de um desejo que pode ser uma ausência, uma falta, onde a resposta do público, se é sempre inesperada, nos surpreende e nos completa. Continuamos sempre desejantes de algo que não sabemos bem o que é”. E finaliza: “Desejo é, antes de tudo, ausência. Deseja-se algo pela falta, pela possibilidade de ser completada e nos completar. Se não houvesse ausência, não haveria desejo”.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Duas obras que se completam

Há cerca de um ano, quando escrevi um ensaio mais alentado sobre a criação literária de Gilberto Schwartzmann, fiz referência aos “gabinetes de curiosidades” que existiram na Europa dos séculos XVI e XVII, em que se procurava aproximar a ciência da compreensão popular, ainda que, muitas vezes, imperasse o charlatanismo ou sensacionalismo. Ao lado de objetos e artigos efetivamente “científicos”, alguns criadores destes “gabinetes” traziam excrecências biológicas, como animais aleijados, ou interpretações não comprováveis, até mesmo falsas, sobre determinadas realidades da natureza. Eu comparava sua obra com este tipo de instituição, como uma espécie de inventário de realidades.

Posteriormente, Schwartzmann lançou um livro de poemas justamente denominado *Gabinete de curiosidades*, em que, numa nota de autor, explica: “Neste gabinete de curiosidades exponho alguns de meus espécimes mais exóticos”, a que se segue o poema que dá título ao volume, onde ainda se lê: “Em meu gabinete de curiosidades, / Guardo o Porquinho-da-índia, A estrela da manhã / E A Mario de Andrade ausente, de Bandeira”. E prossegue, versos adiante: “Estão Crime e castigo, Os irmãos Karamazov, de Dostoiévski, / De Gógol, O capote e Avenida Niévski. / E O cavaleiro de San Francisco e Primeira classe, de Bunin” (p. 17).

A citação acima, significativamente, reaparece numa passagem da recém estreada peça de sua autoria, originalmente denominada *O sol brilhou em Corúpnia* mas que, na montagem dirigida por Luciano Alabarse, foi oportunamente modificada para *Gabinete de curiosidades*.

Na edição do fim de semana de 18 a 20 de março deste ano, escrevi a respeito da peça, cujo texto fora publicado em livro. Intitulada *Criativa e provocativa, mas incompleta*, na coluna eu destacava a oportunidade e a inventividade do texto, mas sua demasiada discursividade, o que atrapalhava a ação cênica potencial que o texto dramático pode e deve antecipar. Por isso, fiquei muito curioso quando Alabarse me revelou que estava dirigindo o espetáculo, com produção de Leticia Vieira, da Primeira Fila Produções. E sobretudo, quando soube da troca do título da obra.

Assistir ao espetáculo, que teve três noites de teatro absolutamente cheias e de plateia emocionada, ao final, aplaudin-

do entusiasmadamente, foi uma experiência que raras vezes vivi em mais de duas décadas de crítica teatral. Devo reconhecer que sou amigo pessoal de Alabarse e de Schwartzmann: a ambos, respeito e admiro, há muitos anos. São, sem dúvida, referências culturais da cidade e do Estado. Somem-se os nomes de atores de currículo como Arlete Cunha e Zé Adão Barbosa. “Inventado” por Alabarse, aparece a figura do comentarista do enredo, na figura de Fernando Zugno. O texto ganhou organicidade e dinamicidade, dramaticidade e uma unidade que não estava evidente em sua versão original. Ela inexistiria? Não, porque, se inexistisse, o diretor não poderia “descobri-la”. Mas estava encoberta, e a qualidade do trabalho de Alabarse, justamente, foi “revelar” aquela potencialidade. O resultado final é um espetáculo de imensa criatividade, de uma oportunidade ímpar - os personagens de Schwartzmann gritam no palco tudo aquilo que está entalado em nossa garganta. Mas, sobretudo, de um profundo amor ao teatro. O que era um “manifesto” no texto de Schwartzmann torna-se uma prática dramática produtiva, em especial quando os intérpretes apresentam os textos dramáticos citados e apropriados pelo texto do dramaturgo.

O resultado é justamente este “gabinete de curiosidades”: curiosidades a respeito de autores dramáticos; curiosidades em torno dos textos selecionados, que traduzem as preferências do autor; curiosidades em torno de nossa triste realidade cotidiana, que vai da marginalização e desrespeito institucional aos idosos até ao nível de ignorância e barbárie a que estamos sendo afundados. É curioso como as duas montagens assinadas sucessivamente por Alabarse, mesmo sem terem nada a ver uma com a outra, se completam: em *O inverno do nosso descontentamento*, a partir do *Ricardo III* de Shakespeare, ficamos sabendo como se chega a um sistema político de força, uma ditadura. Em *Gabinete de curiosidades*, constatamos as consequências deste contexto. A primeira se declara objetivamente como tragédia. A segunda, em sendo tragédia, se pretende uma tragi-comédia, alternativa de fugir ao contexto e remediá-lo. Em ambos, Luciano Alabarse nos propõe um conjunto de percepções e de discussões que o tornam a personalidade cultural mais importante de nossa cidade e de nosso Estado.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

O prisioneiro

O neorealismo italiano, surgido e desenvolvido após a Segunda Guerra Mundial, teve repercussão e influência em todo o mundo. No Brasil, Nelson Pereira dos Santos quando realizou *Rio quarenta graus*, em 1954, foi um dos tantos a demonstrar que a realidade cênica e a presença de personagens reais eram elementos que não poderiam estar ausentes, se o objetivo era criar um cinema afastado da mentira. Claro que tal escola teve seus antecedentes que podem ser identificados através de qualquer estudo, mesmo que não muito profundo, do desenvolvimento do cinema. Porém, foram realizadores como Rossellini, Visconti, De Sica e alguns mais que estruturaram os elementos que, com o passar do tempo, foram assimilados e até enriquecidos por realizadores dentro e fora da Itália. E sempre que se aborda tal tema, é importante ressaltar que filmes realizados antes do surgimento da célebre escola italiana e sempre cultuados pelas inovações que trouxeram, como *Cidadão Kane*, por exemplo, tinham como foco personagens reais, assim como aconteceria mais tarde quando surgiu *Hiroshima, meu amor*. Quando, décadas depois, começaram a aparecer nas telas de todo o mundo filmes assinados por cineastas iranianos, não deixou de ser uma surpresa verificar que as lições do neorealismo, além de não terem sido esquecidas, receberam doses de enriquecimento. Num país vivendo sob um regime teocrático, os diretores tiveram que recorrer a recursos que, ao mesmo tempo em que os aproximavam da realidade, criavam elementos que permitiam expressar inquietações sem causar para eles qualquer problema, como, por exemplo, utilizar crianças para falar de inconformidade e rebeldia.

Asghar Farhadi, que já venceu festivais importantes e também recebeu o Oscar de filme internacional, depois de trabalhar no exterior volta ao Irã e mesmo enfrentando orientações que não podem ser desrespeitadas - e que têm causado problemas e prisões para alguns de seus colegas - realiza um filme admirável, este *Um herói*, no qual termina comunicando ao espectador os obstáculos que um diretor de cinema enfrenta em seu país. Assim, a paixão que une

o personagem principal e a mulher que o aguarda quando aquele sai da prisão, é expressa apenas através de sorrisos, porque nos filmes iranianos é vetado o contato físico entre homem e mulher. E até o abraço entre o tio e a sobrinha ainda menina tem de ser apenas sugerido e encoberto por uma parede. Outra curiosidade: em casa as mulheres são dispensadas de usar o xador, mas num filme isso não é permitido, pois a atriz está diante de uma equipe de filmagem. A lei não é violada, nem agora, nem em outros filmes iranianos, mas Farhadi e seus colegas sabem desenvolver os temas abordados sem que as propostas sejam diluídas ou alteradas.

Um herói é um filme sobre ambiguidades e imperfeições. O título não deixa de ser irônico, pois o protagonista é, na verdade, um simpático e ingênuo personagem que altera seu caminho ao perceber que a quantia que espera conseguir, graças a um achado de sua companheira, não possui o valor desejado. Recua e assim passa a viver um drama inesperado, no qual indivíduos e instituições terminam envolvidos. Pensando em se transformar em figura de comportamento exemplar e até servir de modelo, ele termina sendo vítima de um movimento integrado por figuras que formam um conjunto de interesses diante do qual o destino do prisioneiro não tem qualquer valor. No protagonista o filme vê um homem castigado pelo sistema simbolizado num empregador arrogante e em instituições interessadas em sua imagem nas redes sociais. O devedor e o credor, por outro lado, expõem contradições e fazem com que a narrativa não separe criaturas com aquela linha que determina espaços opostos. O maniqueísmo está ausente de um filme que transforma o que parecia um presente divino num castigo, como se fosse constatada que a primeira opção revelou o transgressor a ser devidamente punido, o pecador merecedor de castigo. Esta forma e ver o mundo, além de ressaltar ambiguidades, é também valorizada por uma série de personagens secundários construídos com perfeição. E no painel assim erguido, pai e filho em busca da mulher desaparecida, lembrem, sem dúvida, *Ladrões de bicicletas*, um dos marcos do neorealismo.

fique ligado

ALEXANDRE GARCIA/DIVULGAÇÃO/JC

Ultramen é atração da Blow Up no Opinião

Neste sábado, às 23h, a banda Ultramen sobe ao palco do Opinião para participar de uma edição especial da festa Blow Up. Os ingressos estão disponíveis na plataforma Sympla por R\$ 55,00 (3º lote). A festa também conta com o melhor do pop, rock e eletrônico com os

DJs da Blow Up Crew. Com Tonho Crocco (vocal), Leonardo Boff (teclados), Zé Darcy (bateria), DJ Anderson (toca-discos) e Pedro Porto (baixo), Ultramen mistura rap, reggae, rock, swing e soul desde 1991. Nesta performance, os músicos recebem a companhia especial

de Chico Paixão (guitarra) e N Jay (MC e percussão). Dona de hits como *Dívinda*, *Preserve* e *Tubarãozinho*, a banda celebrou em 2022 seus mais de 30 anos de carreira com um documentário que apresenta imagens exclusivas da sua trajetória.

OPINIÃO PRODUTORA/DIVULGAÇÃO/JC



Músicos estão comemorando 30 anos de carreira



Evento acontece neste sábado na quadra da Imperadores

Blocos e fanfarras no Festival Segue o Honk

O Honk!, festival de fanfarras ativistas que defende a ocupação das ruas como um processo de resistência coletiva e artística, passou por Porto Alegre em maio. Agora, em mais uma palhinha de alegria, a produtora Fruto Coletivo e o Boteco do Paulista promovem o Festival Segue o Honk! com apresentações de sete fanfarras da cidade neste sábado, às 17h, na quadra da Imperadores do Samba (avenida Padre Cacique, 1.567).

Areal do Futuro, projeto educacional de cultura do samba, da música e da dança para crianças e jovens, será um dos

participantes. O Axé Que Enfim também estará presente representando as fanfarras de axé, assim como o Avisem a Shana que Sábado vai Chover, famoso nas festas de rua de Porto Alegre.

O Bloco do Beijo, por sua vez, legitima o conceito e a história de como o beijo foi introduzido na cultura ocidental. Para completar o repertório, temos ainda Bate & Sopra, o Cosmobloco e o La Meteora, que reúne pessoas de diferentes lugares da América Latina.

Os ingressos custam R\$ 60,00 e estão disponíveis para compra no Sympla.

Agenda

- ▶ Wolftrucker e Cosmos tocam sábado, às 20h, no Gravador Pub (Rua Conde de Porto Alegre, 22). R\$ 20,00 no local ou em gravadorpub.com.br.
- ▶ Espaço 373 (Comendador Coruja, 373) traz, na sexta-feira, o latin jazz de Tonda Y Combo. No sábado, Paola Kirst e Kiai Grupo. Shows às 21h, via Sympla.
- ▶ Fundação Iberê (av. Padre Cacique, 2.000) traz Grupo Cordas ao Vento no domingo, às 17h. Gratuito, com senhas.
- ▶ Flora Almeida e Gilberto Oliveira no Ecarta Musical, com show *Ivanlinsiando*. Sábado, 18h, na Fundação Ecarta (João Pessoa, 943). Entrada franca, transmissão pelo YouTube.
- ▶ Ospa recebe violinista Liviu Prunaru. Sábado, 17h, na Casa da Ospa (Av. Borges de Medeiros, 1.501). R\$ 10,00, com doação de alimento não perecível, pelo Sympla.
- ▶ Espetáculo infantil *Histórias do Vovô Cascudo* segue na Sala Álvaro Moreyra (Av. Érico Veríssimo, 307). Sábado e domingo, 16h, ingressos no local.
- ▶ Espetáculo *Em Chamas* retorna ao Teatro Renascença no sábado e domingo, 20h. R\$ 60,00, no Sympla.

O filho famoso de Bach na Casa da Ospa

Filho de Johann Sebastian Bach, o também compositor Carl Philipp Emanuel Bach será o foco do próximo recital da Ospa na Série Música de Câmara. A apresentação gratuita, comandada pelo Quarteto Arsis, acontece neste domingo, às 18h, na Sala de Recitais da Casa da Ospa (avenida Borges de Medeiros, 1.501).

O grupo que irá interpretar as obras é fruto da união de três músicos da orquestra, Viktoria Tatour (oboé), Leonardo Winter (flauta) e Tácio César Vieira (violoncelo), com o músico Fernando Rauber (cravo).

Para a ocasião, eles pinçaram peças de C.P.E. Bach destacadas para cravo e flauta solo, uma sonata para viola da gamba (o instrumento predecessor do atual violoncelo), e dois trios-sonatas. Para Winter, a produção do artista se destaca pela sua expressividade, lirismo e elegância.

Ex-Angra Edu Falaschi canta dois álbuns na íntegra

Ex-vocalista do Angra, nome seminal do heavy metal brasileiro, Edu Falaschi traz os temas medievais do álbum conceitual *Vera Cruz* em show no Opinião (rua José do Patrimônio, 834) neste

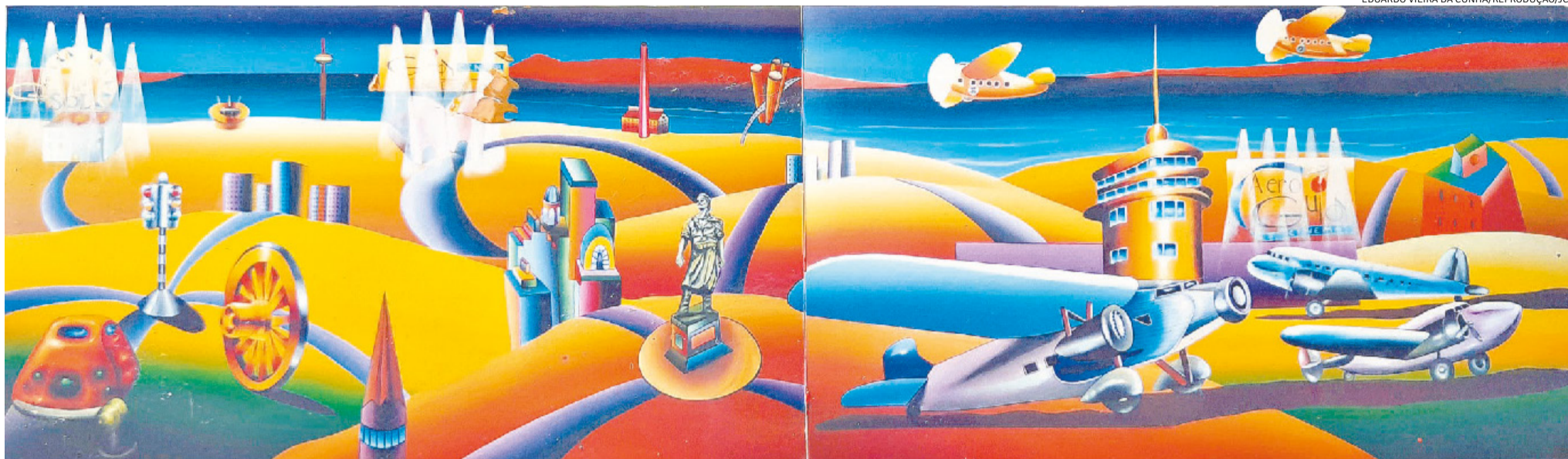
domingo, às 20h. Além do recente trabalho, o músico vai interpretar na íntegra também o álbum *Rebirth*, que marcou sua trajetória no Angra e é lembrado como um clássico por fãs do estilo. Ingressos, a

partir de R\$ 40,00, disponíveis no Sympla.

Falaschi estará acompanhado de outros dois ex-integrantes do Angra, o baterista Aquiles Priester e o tecladista Fabio Laguna. A união dos

músicos vai celebrar *Rebirth*, do qual todos participaram e que completa 20 anos em 2022. A banda também conta com Roberto Barros (guitarra), Diogo Mafra (guitarra) e Raphael Dafras (baixo).

reportagem cultural



EDUARDO VIEIRA DA CUNHA/REPRODUÇÃO/JC

Na arte se experimenta, se erra e se acerta

Márcio Pinheiro, especial para o JC *

A arte - como o samba - não se aprende no colégio. Mas foi como aluno do Colégio Anchieta que Eduardo passou a gostar das aulas de Desenho e também de Filosofia. Sua vontade era unir os dois interesses. Outro estímulo foi uma caixa de tintas que ele ganhou de D. Vicente Scherer, amigo de seus pais. Depois, já na universidade, onde ingressou em 1974, aos 18 anos, e teve como professores Alice Soares, Armino Trevisan, Cristina Balbão, Luis Barth, Costa-Cabral e Carlos Pasquetti, a paixão ficaria mais clara e lógica. “Na escola, na academia, tu podes no máximo aprender algo de história da arte, de filosofia da arte, de estética e teoria da arte. A prática mesmo vem do ateliê”, acredita Eduardo, lembrando que cada um tem seu próprio processo e que cada artista deve desenvol-

ver a sua arte em um laboratório próprio. “Experimentando, errando e acertando.” O fundamental, acrescenta ainda, é a vontade de fazer algo, uma certa obsessão em produzir uma obra.

No tempo de faculdade, Eduardo colaborava como ilustrador para publicações universitárias, envolvia-se nas discussões políticas, acreditando que a arte poderia desempenhar papel importante de transformação política e social. Mais tarde, Eduardo se deu conta de que o papel de artista não é o de liderar passeata: existem outras formas de ser revolucionário. E tem ainda a ver com a produção de uma tela: “Os detalhes que ela vai ter, as camadas. A construção de uma pintura envolve camadas que se sobrepõem: primeiro vem o fundo da tela, a cobertura com uma ou mais camadas de cor. Em seguida vem o desenho, os detalhes, as

áreas menores de cor, as veladuras (ligeira mão de tinta aplicada numa pintura, deixando transparecer a tinta que está por baixo)... Eduardo trabalha quando tem necessidade por prazo, vontade e tempo, dedicando-se normalmente pelo menos duas horas por dia. “Pelas manhãs, dou aulas e, à tarde, geralmente trabalho, ou no ateliê, ou nas tarefas da universidade. E, conforme a necessidade, muitas vezes estendo o trabalho de ateliê até a noite”.

Em média, Eduardo demora de uma semana a um mês em uma tela, dependendo sobretudo do tempo disponível para o trabalho. “Se estou com muitas atividades na universidade, tenho pouco tempo para o ateliê. O trabalho rola mais nos finais de semana, e principalmente nas férias. Tenho um ateliê na praia de Bombinhas, em Santa Catarina, onde trabalho bastante.”

Conhecedor do trabalho de Eduardo há mais de 40 anos, o marchand Renato Rosa atesta: “Estive em Paris para ver sua exposição e nos divertimos muito, vendo boas exposições. Gosto demais dele e de sua obra. É um artista de indiscutível qualidade formal e de estilo próprio. Sua obra constitui-se num dos alicerces da contemporaneidade no Rio Grande do Sul.”

Uma das preocupações de Eduardo é com a maneira como o artista transita. “A academia consegue até te dar alguns atalhos sobre a técnica, fazer copiar para

aprender. Mas creio que o que é mais importante lá é o convívio, a camaradagem, o incentivo, a troca que existe entre alunos e professores.” Para Eduardo, o artista e sua arte precisam chegar ao público, serem vistos e apreciados. “Como tenho estrada, alguns jovens artistas me procuram, em busca de conselhos, de conversas, de indicações. Todos querem saber como é possível a arte circular. Por isso considero importante o trabalho desenvolvido pelos marchands e pelas galerias, principalmente para incentivar artistas novos e desconhecidos.”

A importância que a falta

Como surge uma ideia? “Surtem em momentos anteriores, seja em aulas, seja revisitando pinturas antigas, seja em momentos mais inesperados, como caminhando, praticando a natação, por exemplo”, explica Eduardo. “Os sonhos têm também papel importante nesse processo: às vezes sonho com algum lugar, uma situação. É o mote, o passo para um esboço”. Por fim, Eduardo reconhece que vez por outra recorre a coleções diversas: de fotografias, de carros em miniaturas, de aviões. “Quando vejo, estão migrando para a tela.”

“Não é um narcisismo, mas uma vontade de sedução”, compara Eduardo, explicando como se dá esse complexo jogo de interesses e sentimentos. “Veja o narcisista: ele nunca está satisfeito. Sempre lhe falta algo. O elemento falta é importante, e foi no meu caso: a falta da imagem real, não a transmitida. Tudo o que aconteceu fica

armazenado no inconsciente.”

Eduardo também lê muito: literatura em geral, autores como Paul Auster, Hiraki Murakami, Borges, Machado de Assis, Leonardo Padura, além de muitos ensaios e, obviamente, livros sobre filosofia da arte e fotografia. Outra fonte de inspiração é viajar. “Sempre gostei de viajar. Vivi três anos nos Estados Unidos, mais de quatro na França. Todos os anos vou à Lisboa, onde mantenho um intercâmbio com a Universidade de Lisboa, na Belas Artes de lá. As viagens e os conhecimentos adquiridos com os livros me ajudam muito. Fui um grande apreciador de histórias em quadrinhos, e acho que elas me influenciaram muito também”. Robson Pereira acrescenta: “Sorte minha de poder conviver e trocar figurinhas das mais variadas, do erudito ao almanaque, com uma pessoa como ele. Sempre disposto a conversar, comemorar o simples fato



TÂNIA MEINERZ/JC

Para Eduardo Vieira da Cunha, a arte, na prática, se aprende no ateliê: “Experimentando, errando e acertando”

O ponto de vista do espectador

Depois de formado, em 1985, Eduardo fez concurso para Fotografia, área onde já atuava profissionalmente e começou a dar aulas. Sua primeira experiência profissional veio da fotografia, trabalhando primeiro na Caldas Júnior e, depois, durante nove anos na sucursal gaúcha do jornal O Globo. Na sucursal, Eduardo era responsável pela editoria de esporte amador, cuidando não apenas do Rio Grande do Sul, mas também de pautas em Buenos Aires e Montevideú. “Certa vez, a pedido do editor, fotografei e entrevistei um jovem paulista que vinha se destacando nas corridas de kart. Como eu cheguei atrasado em Tarumã, ele ainda foi atencioso e simpático, aceitando repetir uma volta para que eu pudesse fotografá-lo recebendo a bandeirada. Sabe quem era? Ayrton Senna”.

Foi a fotografia que lhe deu as primeiras noções de muitas técnicas que posteriormente seriam usadas na sua produção artística. “Para mim foi um aprendizado: aprendi a ver a luz, os gradientes, a observar melhor os volumes”. Além disso, o trabalho diário e dinâmico lhe proporcionou um conhecimento que permite fazer bom uso da agilidade. “A fotografia exige que você seja ágil nas tomadas de decisão, na busca por um ponto de vista. É uma grande

escola, é uma luta constante contra o tempo. Isso tudo acaba fazendo com que se tenha muita disciplina para saber se organizar”.

Contemplado com uma bolsa para cursar o mestrado no Brooklyn College, da Universidade de Nova York, Eduardo mudou-se para os Estados Unidos. A experiência foi sensacional: bares de jazz no Village, galerias, mostras, museus como o MOMA e o Metropolitan. Lá foi aluno de Phillip Pearlstein, com quem trabalhou como assistente. Foi mais ou menos quando ocorreu a transição definitiva da fotografia para a pintura. “Comecei a pintar em Nova York, embora meu projeto acadêmico fosse em fotografia.”

O psicanalista Robson Pereira, amigo de Eduardo há mais de quatro décadas, interpreta: “Depois que enveredou pela pintura é possível notar que, pelas lentes do olhar, o gesto do pintor preenche o quadro de cores, detalhes, objetos que fazem com que um mundo moderno e o das memórias comece a fazer sentido para nós. Eduardo faz com que Cachoeira, Porto Alegre, Paris e Nova York estejam todas representadas, façam parte de nosso patrimônio íntimo”.

Da temporada em Nova York, Eduardo, através da jornalista Heloísa Vilela, sua colega de O Globo, foi apresentado a Paulo

Francis. “Algumas vezes nos encontrávamos para caminhadas na Park Avenue ou então para idas ao MoMa, que era perto de onde ficavam os escritórios da Globo em Nova York”. A proximidade seria retomada no começo dos anos 1990, quando Francis teria uma coluna em Zero Hora e Eduardo seria chamado para ilustrá-la.

Quem já estava na Zero Hora naquele período, atuando como editor de Fotografia, era Ricardo Chaves, o Kadão. “Apesar de ele ter sido fotógrafo da sucursal gaúcha de O Globo, não lembro de termos trabalhado junto em alguma pauta, mas sempre admirei o trabalho dele. Me identifico com as figuras *vintage* que ele coloca em muitas das suas obras. São aviões, trens e automóveis antigos, da época da minha infância.”

Kadão ainda destaca a importância da fotografia no trabalho de Eduardo: “Do fotógrafo, acho que ele guarda um ponto de vista do espectador. Da testemunha que assiste e registra um monte de coisas acontecendo, mas, sem interferir. Muitas vezes ele mantém uma certa distância, mas não grande o suficiente para que as formas se percam. Sobrevoa o assunto como quem faz uma foto aérea e se delicia com o traçado e a colcha de retalhos em que a paisagem se transforma vista do alto”.



Foi durante temporada em Nova York que Vieira da Cunha mergulhou na pintura

ta tem

de estarmos juntos. Sua generosidade faz com que a maioria das reuniões de nossa confraria de amigos aconteça na casa dele. Tomara que possamos continuar por muito tempo”.

Outro grande amigo, o jornalista Luiz Reni Marques, destaca a personalidade de Eduardo: “É alguém que em outros tempos se denominava ‘um intelectual completo’, que desfia suas ideias utilizando um texto elegante e objetivo, participa de debates sobre filmes e psicanálise com desenvoltura e discute sobre as mais variadas nuances da arte e da cultura, além de outros temas”. E completa: “Claro que suas telas se sobressaem neste caldeirão de conhecimentos e habilidades. Representam momentos da sua experiência de vida, produzidos em cores intensas, a cada ano mais singulares e expressivas, mostrando uma evolução incessante”.

Nas artes plásticas, suas



Inspiração surge em sonhos ou mesmo em momentos do cotidiano

principais influências são pintores como o já citado Phillip Pearlstein e também Saul Steinberg, Balthus, Jean Lancri e François Soulages, João Câmara e Trindade Leal. Deste último, Eduardo destaca o alegre convívio que os dois tiveram. “Ia visitá-lo com frequência num pequeno hotel onde ele morava na Cidade Baixa e ficamos muito amigos. Me levava para almoçar num boteco na avenida Bor-

ges de Medeiros, onde sempre comíamos o mesmo prato feito. Ali ele me dizia: ‘hoje tu és meu convidado’”. Afora isso, Eduardo considera o cinema também como algo essencial em sua arte, com as ideias vindo de filmes de Chris Marker, Wayne Wang, Quentin Tarantino e Spike Lee. Outra inspiração, essa menos óbvia e mais surpreendente é o futebol. “Não perco os jogos do Colorado.”

Sete exposições marcantes

Eduardo Vieira da Cunha escolhe seus sete melhores momentos artísticos

- ▶ **Westbeth Gallery, em Nova York, em 1989:** “Foi o meu prêmio Bernard Shaw em pintura na Universidade de Nova York”
- ▶ **Galeria Leonardo, em Paris, em 1999:** “Exposição que realizei na época em que eu fazia o doutorado na Sorbonne”
- ▶ **Margs, em Porto Alegre, em 2003:** “Exposição que fiz ocupando duas alas do museu e que teve também o lançamento de um livro”
- ▶ **Mube, em São Paulo, em 2003:** “Uma exposição com mais de 40 obras, no salão principal”
- ▶ **Galeria Fisher-Hohr, em Basel, na Suíça, em 2007:** “Uma exposição em uma ótima galeria da Europa”
- ▶ **Percurso do Artista na Reitoria da Ufrgs, em Porto Alegre, em 2016:** “Uma ótima retrospectiva, também com lançamento de livro”
- ▶ **Galeria Debret, da embaixada brasileira em Paris:** “Desta exposição eu tenho uma história engraçada. Quem trabalhava lá e ficou minha amiga era a Nina Chaves, a ex-colunista social de O Globo – ‘Nina Chaves conta...’, como aparece na música Café-Soçaité, de Miguel Gustavo. Ela passava as tardes me contando histórias, como quando ela aproximou Lily de Carvalho de Roberto Marinho. Ele, para impressioná-la, convidou a moça para dar uma volta. Ela aceitou. Eles subiram ao terraço do edifício e tinha um helicóptero à espera para sobrevoar o Rio de Janeiro. A vida é bela”



Márcio Pinheiro é porto-alegrense e jornalista. Trabalhou em diversos veículos da Capital, de São Paulo e do Rio de Janeiro.

nas telas

A censura ganha terreno

Dirigido por Dellani Lima, Henrique Zanoni e Ricardo Alves Jr, o documentário *Quem tem medo*, exibido no 27º Festival É Tudo Verdade, chega aos cinemas brasileiros neste final de semana. Filmado desde 2017, o longa acompanha artistas que foram censurados e fala sobre como esse movimento ganhou força nos últimos anos. Através de entrevistas,

registro das obras censuradas e discursos de deputados e senadores, o documentário acompanha a forma como os mecanismos de censura deixaram de ser explícitos e foram atualizados: assédio judicial, enfraquecimento de mecanismos de controle, aparelhamento ideológico, estrangulamento financeiro e campanhas de difamação, entre outros.

DELLANI LIMA/DIVULGAÇÃO/IC



Documentário *Quem tem medo* traz a palavra de artistas censurados

Cinema com música ao vivo

A série *Concertos Capitólio*, da Cinemateca Capitólio (rua Demétrio Ribeiro, 1.086) exibe neste sábado, às 11h, o filme *Um homem com uma câmera* (1929), de Dziga Vertov, que será acompanhado por música ao vivo do compositor e multi-instru-

mentista Vagner Cunha. O evento é gratuito. Influenciado pelo futurismo e construtivismo, o filme é resultado da experimentação que Vertov chamava de cine-olho, e revela o cotidiano da vida urbana de Odessa e de outras cidades soviéticas.

Quadro a quadro

- Clássico da Disney de 1961, *101 Dálmatas* será exibido no sábado e domingo, às 15h, na Cinemateca Capitólio. R\$ 4,00, com visitas guiadas a partir das 14h30min.
- Brad Pitt, Sandra Bullock e Joey King são as estrelas de *Trem-bala*, estreia nos cinemas da Capital.
- Cinemateca Paulo Amorim (Andradas, 736) apresenta o especial *Três Filmes com Fernando Alves Pinto*, com sessões de *Para minha amada morta* (sexta, 19h), *Legalidade* (sábado, 14h) e *Anahy*

- de *Las Misiones* (sábado, 19h).
- Série de televisão querida pelo público infantil, *Além da Lenda - O filme* chega às telonas neste final de semana.
- Sessão Comentada Clube de Cinema de *A colmeia*, com presenças de Gilson Vargas, Matheus Borges e Janaína Pelizzon. Sala Eduardo Hirtz da CCMQ, sábado, 10h15min.
- A comédia romântica *O palestrante*, protagonizada por Fábio Porchat e Dani Calabresa, é uma das estreias desta semana nas salas da Capital.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Temer, em relação a Bolsonaro	Substância como a serotonina (Biq.)	Thomas Seebeck, físico alemão	Conceito marxista que implica a coisificação das relações sociais		Vida (?), fator de risco para doenças cardiovasculares	Poeta alcunhado de Boca do Inferno
			Cloro (símbolo)			
Diz-se da pessoa que "aguenta o tranco"		Substância anticáries (símbolo)		Seicho-no-(?), religião japonesa		Protegido (de doença)
				Difficuldade do portador de dislexia		
O do Brasileiro de 2021 foi Hulk		Estado do porto do Itaqui (sigla)		Língua fendida por Policarpo Quaresma (Lit.)		Animal como Sig, de Jaguar (HQ)
Projeto de preservação de tartarugas-marinhas				Instrumento da música folk		
Tipo de pneu de bicicletas		Indica o Leste na rosa dos ventos		Saudação usual entre os jovens		
				Caminho percorrido entre lugares		Medida de pressão do gás (Fis.)
A (?): sem fundamento		Árvore ornamental				Ser, em inglês
		Infecção no ouvido				Cavalo de minizoos
				Cortam com navalha (o cabelo)		
				Designa a unidade em um grupo		
A mutante azul de "X-Men" (Cin.)					Rita (?), cantora nascida no Kosovo	
						Cobra dos encantadores indianos
Dívidas de entes públicos (jur.)						
					Ordem judicial	
					Fenômeno sonoro	

BANCO 2/be. 7/mística. 10/reificação. 11/precatórios.

30



Solução

S	O	R	I	O	R	E	C	I	O	P
O	C	E	I	D	E	T	I	D	E	O
T	N	A	V	A	S	I	S	I	S	
V	A	R	A	C	A	T	I	C	A	M
M	A	P	A	O	M	S	E			
B	E	I	T	I	O	N				
D	R	E	O	V	A					
O	B	A	N	J	O	R				
I	T	A	V	M	T					
R	N	E	C	E						
R	O	N	H	E	L	I	A	V		
A	G	D	F							
R	E	S	L	I	E	N	T	E		
A	N	T	E	S	S	O	R			
G										

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ Áries: Bom impulso nos empreendimentos pessoais. Mudanças podem acontecer em seu lar e nas relações familiares, e hoje é preciso se esforçar para colaborar com elas.

♉ Touro: As responsabilidades se impõem sobre a diversão, e você talvez tenha que dar prioridade aos deveres. Dificuldade de comunicação e desagrado com as pessoas.

♊ Gêmeos: A displicência na lida com dinheiro pode ficar evidente em um dia como hoje. Momento para colocar seu esforço nas atividades produtivas e empreendimentos.

♋ Câncer: Momento favorável para decisões importantes sobre o que quer e o que pretende no próximo ano. É preciso aceitar as limitações que lhe são colocadas.

♌ Leão: Não se iniba tanto assim diante da presença das pessoas. Aspectos sutis de sua sensibilidade precisam ser colocados em cena e respeitados nas relações afetivas.

♍ Virgem: Em sua rotina, incorpore mais do convívio com amigos e de atividades que lhe sejam divertidas, embora sejam produtivas também. Procure engrandecer a rotina.

♎ Libra: A correta proporção entre cumprimento do dever e criatividade é o ponto melhor para que seu trabalho se desenvolva. E assim também é com o relacionamento amoroso.

♏ Escorpião: Na vida cultura e intelectual, apreciações precisam ser mais bem elaboradas para ganhar consistência. Será evidente se os pensamentos não tiverem boa base.

♐ Sagitário: Momento para empurrar para fora o que não quer e não aceita mais. Os relacionamentos estão difíceis, pois nenhum dos dois quer ceder nem abrir espaço.

♑ Capricórnio: O conforto material e o ambiente pessoal tendem a estar sob restrições. Seu modo de pensar é idealista e visionário - mas coloque isso numa forma concreta.

♒ Aquário: Momento de muito trabalho e esforço. Lembre-se de acrescentar algo pessoal naquilo que está fazendo. É assim que seus trabalhos lhe trarão satisfação.

♓ Peixes: Bom momento para a criação artística e atividades de comunicação. Estímulo forte para o romantismo, embora os sentimentos possam estar contidos.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Dignidade, escravidão, liberdade e violência

A Doçura da Água (Novo Século, 336 páginas, R\$ 57,00, tradução de Tom Jones da Silva), romance de estreia literária do jovem norte-americano Nathan Harris, de 29 anos, foi considerado pelo Wall Street Journal como um clássico instantâneo e tornou-se um dos livros mais aclamados dos Estados Unidos em 2021. A obra recebeu o prêmio de Melhor Ficção do Ano pelo Washington Post; foi selecionado para o Man Booker Prize e recebeu, entre outros, o First Nobel Prize do Center for Fiction. O romance foi best-seller do The New York Times e recebeu indicações da apresentadora Oprah Winfrey e Barack Obama.

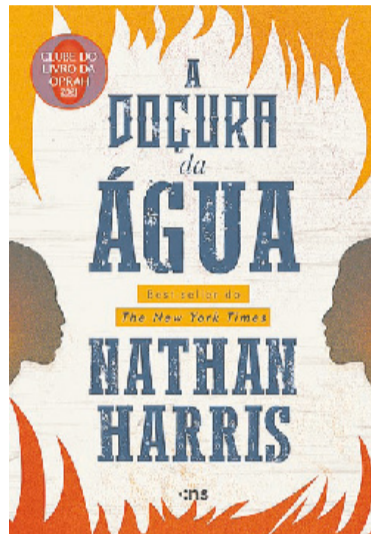
O grande sucesso de público e crítica obviamente não ocorreu por acaso e a estreia impactante do jovem Nathan se passa nos últimos dias da Guerra Civil Americana. A Guerra Civil tem um papel central na literatura americana e já inspirou clássicos como *Cold Mountain* e

Gone With the Wind (*E o Vento Levou*).

No fim da Guerra dois irmãos libertos pela Proclamação de Emancipação buscam refúgio na propriedade de George Walker e de sua esposa. O casal perdeu o único filho na Guerra e contratam os irmãos para trabalhar em sua fazenda, esperando que a amizade inesperada amenize o luto. Os irmãos querem juntar dinheiro para ir ao norte buscar a mãe, vendida quando eram meninos.

Em paralelo, um romance proibido entre dois soldados confederados acontece às escondidas na floresta. Quando o segredo é revelado, o caos se instala em Old Ox. Relações complexas acontecerão e nada será como antes em todo o vilarejo.

Com linguagem cuidadosamente esculpida, tramas bem armadas e lirismo, o jovem autor trabalha muito bem as pequenas histórias dentro dos contextos da grande história e, sem dúvida,



dá vida nova a um período histórico importantíssimo que parecia estar esgotado pelas muitas obras de ficção que o tomaram como cenário.

Ex-escravizados, família branca e soldados enamorados trazem perguntas relevantes: Qual o preço da dignidade? Qual o legado da escravidão e violência racial? O que realmente significa ser livre?

e palavras...

BENTO GONÇALVES, TERRA DA ESPERANÇA

Vivo como todo mundo envolvido por esta época pós-moderna, plena de incertezas, de vale-tudo generalizado e quase vazia de referências, valores, ideias e líderes confiáveis. Procuo manter as esperanças e levantar da cama de manhã pensando que deve haver pessoas e mundo melhores, com mais democracia, menos desigualdade e melhores atos e pensamentos com relação à natureza. Não acho que o otimista é um pessimista mal-informado. Gosto de realismo otimista e, apesar de não ser gramsciano, acho que podemos ser pessimistas na análise e otimistas na ação. Não precisamos nos iludir, mas não dá para ser metralhadora giratória, atacar tudo e achar que devemos mudar totalmente as pessoas e o mundo, esquecendo das boas lições do passado para ir adiante.

Quando começo a ficar meio descrente das pessoas e do mundo, tenho uma solução: degustar um cacho de uva, tomar um vinho, comer um pouco de figada e pensar na minha terra natal, Bento Gonçalves, ou, melhor ainda, ir até lá e recarregar minhas baterias encontrando pessoas, locais e alimentos para corpo e alma. Bento, meu berço, chão e meu túmulo. Se um dia eu morrer, já pedi para enterrem minhas cinzas debaixo dos parreirais da querida família Benedetti da Linha Salgado, ao som da voz do Tony Bennett. Linha Salgado, o melhor passeio, especialmente em noites de verão, com o perfume da uva madura, o vinho doce e a pipoca dos Benedetti.

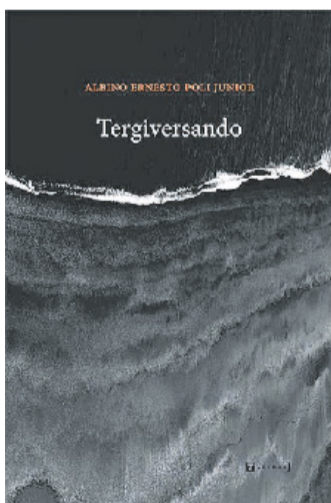
Fim de semana passado estive na terrinha, para festejar os 90 anos de meu

querido padrinho Dr. Elias Japur, que está aí, firme e forte, ao lado da fiel escudeira Rosa e dos filhos e netos, depois de seis cirurgias. Ano que vem faz sessenta anos que ele me levou para a crisma e me presenteou com o primeiro relógio de minha vida. Há muitos anos ele me disse para ler o livro *Filosofia da Vida* de Will Durant. Ótima e proveitosa dica, que divido aqui com meus seletos leitores. Ia dizer sete leitores, mas troquei por seletos. Tchê, que tal? Longa vida aos meus padrinhos!

Com doze anos vim com a família para viver em Porto Alegre, em 1966, num apartamento da Felipe Camarão. Saí de Bento mas Bento jamais saiu de mim. E nunca vai sair. Já andei muito pelo Brasil e pelo mundo, já viajei imensamente nas páginas dos meus livros pelas paredes dos quartos, mas meu umbigo de ouro, cravejado de brilhantes, é Bento, onde moram os anos do menino que é o pai do homem que sou. Sonhos de criança, o mais importante da vida. A casa, a escola, a igreja, o clube, as árvores, as praças e os detalhes que vou lembrando e descobrindo nas caminhadas pela cidade mostram, como disse o Mario Quintana, que o tempo é só um ponto de vista dos relógios.

Na minha cabeceira, tenho a Bíblia Sagrada e a Bíblia de Bento, o livrão *Janelas da Memória* do querrrrridooo escritor, poeta, jornalista, contista, folclorista e historiador Ademir Antônio Bacca. Como ótimo biógrafo, Bacca colocou histórias, fotografias, mortos, vivos e muito vivos a andar por aí entre a gente, mostrando as riquezas pessoais, materiais e imateriais de Bento.

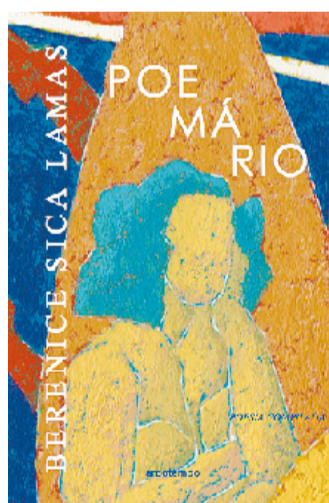
lançamentos



► **Tergiversando** (Editora Sete Letras, 136 páginas, R\$ 46,00), do gaúcho Albino Ernesto Poli Junior, diplomata, tradutor de obras literárias e leitor apaixonado de grandes poetas, traz 70 poemas sobre amor, vida e morte. "Contemplo o arco-íris sem régua e compasso/ E todo acontecer se faz um despropósito" são versos da obra.



► **Cartas a um jovem poeta** (Editora Planeta, 175 páginas, R\$ 37,00) apresenta o livro mais conhecido de Rainer Maria Rilke, contendo as cartas que escreveu ao jovem poeta Franz Xavier Kappus. Esta edição traz também as cartas que Franz escreveu para Rilke. É um clássico universal sobre autoconhecimento e escrita literária.



► **Poemário** (Ardotempo, 224 páginas, R\$ 35,00) traz poemas de Berenice Sica Lamas, escritora, poeta, psicóloga, professora universitária e ensaísta. São composições que fazem parte dos onze livros de poesia da autora. "O mundo do consumo / preparado não é / para atender pessoas sozinhas" são alguns dos versos da obra.

a propósito...

Nem preciso ressaltar que Bento Gonçalves está entre as maiores economias de nosso Estado, que nos últimos anos o turismo e as atividades culturais cresceram muito e que seus índices de desenvolvimento humano e econômico são ótimos. Há menos desigualdade econômica e social em Bento do que em outras regiões, como, aliás, em outros municípios da Serra gaúcha. Administradores públicos e privados e cidadãos vêm cumprindo seu papel. Nesse momento de

campanhas eleitorais com muitas ofensas pessoais e escassos planos de governo, é bom olhar para municípios como Bento, que tem, por exemplo, a primeira usina de reciclagem de lixo orgânico do Brasil. Tal como outras cidades e regiões semelhantes, é o Brasil que dá certo, oferecendo esperanças parecidas com aquelas que a gente tinha, quando criança, desfilando de tênis conga nas paradas de Sete de Setembro, no centro da cidade, com pulsantes corações de estudante.

Reportagens traçam painel da cultura no RS

Todas as sextas-feiras, o **Jornal do Comércio** publica uma grande reportagem cultural no caderno Viver. Desde maio de 2018, o espaço traz, a cada semana, textos aprofundados sobre o cânone da cultura local e brasileira, além de matérias especiais sobre temas como artes plásticas, cinema, literatura, música e arquitetura. A memória também tem

vez, como nas reportagens sobre os meses em que o cantor João Gilberto morou em Porto Alegre, a trajetória do time de futebol do Renner e a história da "bisavó" das casas noturnas da Capital.

Não faltaram reportagens sobre músicos como Renato Borghetti - que abriu a série -, Telmo de Lima Freitas e Elis Regina, e textos tratando da vida e obra de escri-

tores, casos de Erico Verissimo, Josué Guimarães e Sergio Faraco.

Tem espaço para o tradicionalismo, MPB e o rock gaúcho, como na reportagem sobre a banda Os Replicantes. Sem falar no patrimônio histórico, caso de textos sobre o casario de Pelotas, e matérias mostrando os projetos dos arquitetos Theodor Wiederspahn, José Lutzenberger e Fernando Corona.

Os principais temas da cultura gaúcha em textos sobre...

...LITERATURA

Caio Fernando Abreu

Feliz Aniversário, Caio Fernando Abreu

reportagem cultural

Lya Luft

Todas as letras de Lya Luft

reportagem cultural

Moacyr Seliar

Metade menino do Bom Fim | Metade imortal

reportagem cultural

Luis Fernando Verissimo

Descobertas, prazeres e alegrias de um cronista

Fenômeno literário

Club dos Caçadores

A bisavó das casas noturnas de Porto Alegre

...MÚSICA

Elis Regina

ELIS, de Porto Alegre

reportagem cultural

Borghettinho

Thriller dos pampas

reportagem cultural

Jayme Caetano Braun

Dom Jayme, o pajador que virou estátua

reportagem cultural

Teixeirinha

Entre a grossura e a doçura

reportagem cultural

Flower's

A boate mais colorida de Porto Alegre

Reportagem Cultural

Encouraçado Butikin

Encouraçado Butikin: a mais icônica boate da Capital

Reportagem cultural

Leia essas e mais de 200 reportagens no edição online do Jornal do Comércio

Além da edição impressa do **Jornal do Comércio**, que traz o caderno **Viver** encartado todas as sextas-feiras, a **Reportagem Cultural** também é publicada na edição online do **JC**. Lá, além da matéria mais recente publicada na

semana, também é possível ter acesso a todas as reportagens publicadas na seção, com textos aprofundados. Para acessar, entre em www.jornaldocomercio.com.br/reportagemcultural. Ou acesse o QR Code ao lado.

